

## Varnhagen e a história do Brasil

Helena Mollo<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

José Honório Rodrigues em conferência proferida no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1966<sup>2</sup> propõe para Varnhagen o título de “mestre da História geral do Brasil”, tendo o historiador sorocabano, de acordo com o conferencista, “sobrepujado todos os seus contemporâneos”<sup>3</sup>. José Honório não deixa de notar, contudo, que a obra de Varnhagen encerra uma visão conservadora, mas ressalta, apesar do conservadorismo, *História dos holandeses* e *História da Independência* como trabalhos representantes de um avanço historiográfico<sup>4</sup>.

O tema específico da independência sai da primeira edição de *História geral do Brasil*, em que figurava como seus dois últimos capítulos. Retirados na segunda edição, transformam-se na matéria-prima de uma obra específica. A independência, entretanto, não pode ser vista fora do plano de *História geral* mesmo após o seu corte, e percebe-se sua presença, quando Varnhagen promove uma espécie de linearidade entre a conquista portuguesa e os acontecimentos que culminam em 1822; e aí se expressa um primeiro critério para a história, segundo Varnhagen: ela é vista como a sucessão natural dos acontecimentos. Assim, a história da colonização portuguesa e a construção do Estado brasileiro se entrelaçam, não se oferecendo como oposições na obra do historiador sorocabano.

A crítica à obra de Varnhagen começa cerca de noventa anos antes da conferência de José Honório Rodrigues; Capistrano de Abreu, na ocasião da morte de Varnhagen e do Necrológio que publica em 1878, faz notar os principais elementos presentes e passos seguidos pelo visconde de Porto Seguro. O historiador cearense não nega os méritos da *História geral*, mas nota, no próprio século XIX, certas características na obra do Visconde que lhe tiram um pouco da glória de ser o autor de uma primeira obra sobre o passado brasileiro que significaria a síntese de sua trajetória. As críticas tecidas por Capistrano de Abreu já se

referem às concepções teóricas, e se debruçam principalmente sobre dois aspectos: as escolhas cronológicas feitas em detrimento a escolhas temáticas e a ausência de interpretações pautadas nas teorias sociológicas correntes à época. Quanto à periodização, o historiador cearense nota a aproximação dessa escolha àquela feita por Robert Southey, décadas antes, no que concerne ao tratamento dos séculos XVI, XVII e XVIII. Tal crítica acabou por emprestar à *História geral* a pecha de imitação da obra do escritor inglês, que já apresentava, de acordo com Capistrano, o problema do uso da cronologia como única forma de expressão da história. E quanto às teorias sociológicas, o autor de *Capítulos de história colonial* coloca a Varnhagen a pergunta sobre a interpretação que é ausente de sua obra, e aponta a falta dos estudiosos que guiaram o seu próprio pensamento, entre eles Comte, Darwin e Spencer.

De acordo com José Honório Rodrigues, é nas escolhas feitas na *História geral* que reside uma grande parte das críticas ao seu autor, visto que no processo de independência, para citar um exemplo, o historiador salienta o papel de D. Pedro, em detrimento do de José Bonifácio. Ainda entre as escolhas na trajetória política do Brasil, além das lacunas, há julgamentos (como a escolha de D. Pedro como fundador da Nação), segundo José Honório Rodrigues, em relação às lutas que significariam inconformismos e defenderiam a oposição ferrenha a Portugal – como a Revolução de 1817, reprimida por D. João. Mas a historiografia não se refere somente às escolhas feitas no processo político da colônia que tornaram Varnhagen o personagem que é. Quando o autor ressalta o valor da indústria humana transformando a natureza abundante em terra cultivada, principalmente, no Brasil, através da cultura de cana, questiona o imenso uso da mão-de-obra africana. E sentencia o autor: “parece que, logo a princípio, no Brasil, onde a natureza é tão fecunda que permite conseguir talvez resultados iguais aos de outros países com metade do trabalho, ninguém se lembrou de que bastava que os colonos ou os índios trabalhassem nas lavouras desde as quatro ou cinco até às seis e meia da tarde”.<sup>5</sup> Não parecia necessário, segundo Varnhagen, o uso de tantos

escravos vindos da África, se o índio aqui já estava, e deveria ajudar no processo de construção do país.

Uma das preocupações principais do autor parece ser a defesa da impossibilidade de Brasil e Portugal se separarem completamente. Sendo o afastamento político-administrativo inevitável, permanecem formas de autoridade de Portugal sobre o Brasil presentes na *História geral*, quando se olham as marcas culturais do colonizador salientadas pelo autor. Esta relação jamais rompida é comentada por José Carlos Reis: “sobre a guerra da independência, Varnhagen não a vê como uma verdadeira guerra. Para ele, o Brasil não se esquecerá jamais do seu tutor na infância, e Portugal não se esquecerá jamais dos socorros que o Brasil lhe prestou.”<sup>6</sup>

Nilo Odália propõe como um dos pontos relevantes para o entendimento da história brasileira no oitocentos a transferência da família real portuguesa para o Brasil. Tal fato, para o autor de *As formas do mesmo*<sup>7</sup>, significou um momento paradoxal, visto que, vindo para o Brasil, que ainda simbolizava as terras novas, trazia um poder político que “encarnava o passado em vias de destruição e banimento”<sup>8</sup>. Mas esse passado não era visto por Varnhagen como ruína, e sobre ele, ou melhor, sobre a construção de um passado se estende a *História geral*.

Varnhagen, apesar de escolhas que valem as críticas feitas desde Capistrano de Abreu, Manoel Bonfim, José Honório Rodrigues, Nilo Odália, Arno Wehling e José Carlos Reis, possui o epíteto de “Heródoto brasileiro”. Esta qualificação é reclamada por Southey para sua obra. Segundo o autor do Prefácio à tradução de sua obra, Brasil Bandecchi, lembrando as palavras do autor de *História do Brasil* endereçadas a um amigo sobre a importância de sua obra para os brasileiros: “quando eles se tiverem tornado uma nação poderosa, muito da sua história que de outra forma teria desaparecido ficando para eles o que para a Europa a obra de Heródoto”<sup>9</sup>.

Entre as críticas e as escolhas comentadas pela historiografia, aqui brevemente inventariadas, a qualificação de herodoteana para a *História geral do Brasil* parece ser quase

uma constante<sup>10</sup>, e nesta identificação baseiam-se algumas considerações do presente trabalho.

Costuma-se atribuir um sentido para Heródoto em relação à história, lembrando-lhe apenas a autoria de uma narrativa ausente de mitos e próxima dos testemunhos, que seriam, assim, garantia da verdade. Pode-se dizer que estas marcas configuram-se em algumas características da obra do historiador de Halicarnasso, mas, para além delas, está a proposta da escrita e conformação de uma cultura em relação a outras que lhe servem de opositoras. A função do historiador, como propõe Heródoto, é salvar as ações humanas do esquecimento, e talvez aí encontremos a explicação para o epíteto do autor de *História geral*. As ações humanas a serem salvas do esquecimento são as que tiveram lugar no processo civilizador empreendido, segundo a *História geral*, e o passado deve ser visto como a própria natureza a ser domada que os colonizadores encontraram no Brasil. O tempo, para Varnhagen, assume um aspecto moldável: mais importante que narrar fatos verdadeiros é narrar os fatos que constroem a nação de acordo com os critérios estabelecidos pelo autor.

Varnhagen constrói para o Brasil, através da formação de seu passado, uma genealogia, mais do que uma carta de dependência político-administrativa. O sentido herodoteano, assim, não se configura somente pelo ineditismo que se encontra em *História geral*. Outras obras se oferecem a esse título, entre elas, *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador, escrita no século XVII, e a outra obra, também *História do Brasil*, da lavra de Robert Southey, escrita no oitocentos. Distingue-se em Varnhagen extenso espaço de tempo a ser explicado, e a escolha se dá pela genealogia. Os cronistas aparecem a todo momento na construção da *História geral*, mas, principalmente, quando da descrição dos indígenas, e aí Varnhagen expõe sua teoria de dispersão pelo território americano de um tronco lingüístico através dos escritos de Gândavo, Gabriel Soares, Hans Staden e André Thévet.<sup>11</sup> A genealogia é construída através da exclusão de determinados elementos, elegendo outros, que estão além das terras e dos habitantes aqui encontrados à época da chegada dos portugueses.

A crítica de Capistrano de Abreu feita em 1878, quanto à ausência de teorias que conduzissem a elaboração do passado brasileiro e acolhida pela historiografia posterior, faz com que se indague sobre o método usado para a construção de *História geral*. Entre as ausências notadas por Capistrano de Abreu quanto às leituras vindas da sociologia, seus críticos também se referem ao silêncio em relação às idéias de Von Martius, quando Varnhagen se refere ao povo brasileiro, preferindo o autor o elogio ao branco europeu e civilizador em detrimento dos elementos negro e índio<sup>12</sup>. E aí começam as escolhas que mais são criticadas em Varnhagen.

O autor primeiro se refere aos índios e depois aos negros na *História geral*, atribuindo àqueles o papel de entrave para a formação da Nação, como expressa não só na *História geral*, mas já acentuara no *Memorial orgânico*, de 1849, como propõe Pedro Puntoni em “Sr. Varnhagen e o patriotismo caboclo”<sup>13</sup>. O autor à seção II da sétima edição (e sétima da primeira edição) se refere aos índios da seguinte forma: “Por toda a extensão que deixamos descrita não havia povoações fixas e que descobrissem em seus habitantes visos de habitação permanente”<sup>14</sup>. E logo expõe o entrave: “Conhecido é o axioma de estatística que, em qualquer país, a povoação só toma o devido desenvolvimento quando os habitantes abandonam a vida errante ou nômade, para se entregarem à cultura ou aproveitamento da terra com habitações fixas”<sup>15</sup>. Em primeiro lugar, a distância em relação ao que seria uma das principais marcas da civilização: a organização primeva do povo que realizasse demarcações fixas de um território, o palco por excelência da construção histórica. Assim afirma Varnhagen: “Nem poderiam possuir instintos de amor de pátria que, como nômades, a não tinham, e que limitavam a tão curtos horizontes a idéia da sociabilidade, que geralmente a não estendiam além dos da sua tribo ou *maloca*, a qual não dominava mais território que o dos contornos do distrito”<sup>16</sup>. O autor faz uma ressalva, contudo, quando identifica certos traços de nacionalidade através da língua que os índios possuíam em comum: “Salvando, pois, como exceção, o fato de algumas tribos de nacionalidade diferente e que, no grande terreno que nos ocupa, formavam, permita-se a

expressão, como pequenos oásis ilhados e sobre si em que haviam estabelecido caravanas refugiadas ou transmigradas, eram dialetos da mesma língua, como dissemos, os que se falavam”<sup>17</sup>. Após a descrição da língua, usos, armas e indústria dos tupis, vêm as idéias religiosas e organização social, onde Varnhagen afirma, quanto aos *vindiços do Norte*: “tais eram os vindiços alienígenas que à matroca percorriam, há mais de três séculos, todo o atual território do Brasil, e que em parte percorrem ainda alguns distritos dele, cobertos de matos-virgens, onde por ora não pôde penetrar a luz da civilização e do evangelho. Não constituíam uma nação, nem mesmo pequenas nações, na acepção em que mais geralmente, em direito universal, se toma hoje esta palavra”<sup>18</sup>

Para Ronaldo Vainfas<sup>19</sup>, as idéias de *von Martius* expressas em *Como se deve escrever a história do Brasil* não encontram reverberação em Varnhagen, embora admiradas pelo IHGB, pois o naturalista, segundo o historiador, propunha, mesmo que de forma tímida a idéia do sincretismo para se entender o Brasil<sup>20</sup>. As idéias de *von Martius* certamente foram bem recebidas pelo IHGB, principalmente porque ofereciam à corrente indigenista do Instituto uma chave de pensamento para a construção do povo e do passado brasileiros. Contudo, a visão sem dúvida inovadora do naturalista alemão encontra-se marcada pelos pressupostos iluministas do determinismo e procura de regularidade, como lembra Arno Wehling<sup>21</sup> em relação à idéia de história que é expressa na monografia apresentada ao Concurso promovido pelo IHGB, logo após sua fundação. Se vemos um afastamento entre Von Martius e Varnhagen em relação à formação do povo brasileiro, a idéia de história presente nesses autores em parte se aproximam. A influência sofrida por Varnhagen não pode ser colocada, entretanto, como intensa, visto que o próprio autor de *História geral* disse a esse respeito que não poderia esta influência ser considerada tão profunda, como queriam os seus leitores contemporâneos. Decerto, as idéias sobre a formação do povo brasileiro fruto do encontro de três raças não agradavam Varnhagen. Mas está presente a fórmula raciológica do naturalista na descrição da introdução do elemento negro no povo brasileiro: “como a colonização africana, distinta

principalmente pela sua cor, veio para o diante ter tão grande entrada no Brasil, que se pode considerar hoje como um dos três elementos de sua população”<sup>22</sup>

A história que firma no passado as possibilidades do futuro encontra-se permeando a de *História geral*, além da condenação das idéias de Rousseu, sobre o “estado de natureza”. O passado para Varnhagen é paradigmático, e deve ser a matéria-prima, no caso do Brasil, da transformação, principalmente contra as forças resistentes à civilização e ao progresso. À página 19 de *História geral*, quando descreve o Brasil em suas linhas gerais, concentra-se, em um parágrafo, nos peculiares contrários encontrados na natureza do Brasil: se de um lado pode-se ter a medicinal copaíba, ou animais inofensivos como a anta, há o “insidioso réptil que, num instante, decidirá do fio da vida que havéis recebido do Criador; e achando-vos à beira de um rio, não estais livre de que vos esteja tocaiando algum traidor *jacaré* ou medonho *sucuriú*”<sup>23</sup> Mas acrescenta logo no parágrafo seguinte: “mas ânimo! Que tudo doma a indústria humana! Cumpre à civilização aproveitar e aperfeiçoar o bom, e prevenir ou destruir o mau. Tempos houve em que nalgumas das terras, hoje cultivadas ou povoadas de cidades na Europa o feroz urso se fazia tremer...”<sup>24</sup>

A escrita do passado é a oportunidade de mostrar aos nacionais a realização do projeto civilizatório empreendido pelo europeu. Segundo o autor: “para tudo o país ser de contrastes no estado selvagem, achava-se ele, com toda a riqueza do seu solo e a magnificência de suas cenas naturais e a bondade dos seus portos, tão prestantes ao comércio, possuído pelas gentes que passamos a conhecer”<sup>25</sup>

Segundo Manoel L. Salgado, a definição de nação em Varnhagen será a genealógica, e os elementos fundadores se afastam dos povos aqui encontrados. Segundo o autor de *Nação e civilização nos trópicos*, “na medida em que Estado, Monarquia e Nação configuram uma totalidade para a discussão do problema nacional brasileiro, externamente define-se o ‘o outro’ desta Nação a partir do critério político das diferenças”<sup>26</sup> As diferenças construídas não só externamente, em relação às repúblicas latino-americanas podem ser trazidas para a

construção dos outros dentro do território nacional, em construção. Nada mais herodoteano do que a construção da identidade através da observação e construção das diferenças.

---

<sup>1</sup> Professora de Historiografia do Colegiado de História, campus Araguaína.

<sup>2</sup> Esta conferência, intitulada “Varnhagen, mestre da História Geral do Brasil”, foi proferida no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1966, e publicada na *RIHGB* em 1967. Posteriormente, integrou o livro *História e historiografia*. Petrópolis: Vozes, 1970.

<sup>3</sup> *Idem*, p. 123, p. 124

<sup>4</sup> *Idem*, *ibidem*

<sup>5</sup> VARNHAGEN, F. A. *História geral do Brasil*, p. 223

<sup>6</sup> REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil*. De Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001

<sup>7</sup> ODÁLIA, Nilo. *As formas do mesmo*. Ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna. São Paulo: Editora da UNESP, 1997

<sup>8</sup> *Idem*, p. 26

<sup>9</sup> Prefácio de Brasil Bandecchi à *História do Brasil*, de Robert Southey. Trad. De Luis Joaquim de Oliveira e Castro. Anotada por J. C. Fernandes Pinheiro, Brasil Bandecchi, Leonardo Arroyo. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, vol. 67, 1981, p. 12

<sup>10</sup> Com exceção de Nilo Odália, como lembra J. C. Reis. *Op cit.* P. 31 *et passim*.

<sup>11</sup> Varnhagen propõe em HG que os caribes, habitantes do sul da Flórida, tenham antes transmigrado desta região para o sul: “desde o Amazonas até São Vicente, todas as informações, recolhidas em diferentes pontos, os fazem transmigrando e invadindo de norte a sul. Os da Bahia asseveravam haverem aí chegado, vindos do sertão e além do rio de São Francisco. Os de Cabo Frio pretendiam proceder dos *caribs* da parte setentrional do Brasil. Os de São Vicente tratavam por antepassados aos do Rio de Janeiro e imediações; o que prova como daí provinham. – Por quase toda a costa do Brasil, enfim, se encontravam tradições de que os *Tupis*, habitantes de qualquer distrito, se haviam deste apoderado, vindo eles conquistadores das bandas do norte. IN: VARNHAGEN, F. A. *História geral do Brasil*, Tomo Primeiro, sétima edição. Revisão e notas de Rodolfo Garcia. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1959 p. 29.

<sup>12</sup> Esta idéia é proposta por Ronaldo Vainfas em *Tempo*, n. 8, 1999, Rio de Janeiro: Sete Letras, p. 3 *et passim*.

<sup>13</sup> PUNTONI, Pedro. “Sr. Varnhagen e o patriotismo caboclo” in: JANCSÓ, István. (org) Brasil: Formação do Estado e da Nação. São Paulo: Hucitec; Ed. Unijuí; Fapesp, 2003, p. 633-677.

<sup>14</sup> VARNHAGEN, F. A. *op cit.*, p. 23

<sup>15</sup> *Idem*, p. 24

<sup>16</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>17</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>18</sup> *Idem*, p. 52

<sup>19</sup> Cf nota 10.

<sup>20</sup> “Portanto, devia ser um ponto capital para o historiador reflexivo mostrar como no desenvolvimento sucessivo do Brasil se acham estabelecidas as condições para o aperfeiçoamento de três raças humanas, que nesse país são colocadas uma ao lado da outra, de uma maneira desconhecida na história antiga” IN: MARTIUS, Karl Friedrich Philip von. *Como se deve escrever a História do Brasil*. IN: revista do IHGB, Rio de Janeiro, n. 24, 1845, p. 384. E ainda: “São porém estes elementos de natureza muito diversa, tendo para a formação do homem convergido de um modo particular três raças, a saber: a de cor cobre ou americana, a branca ou caucasiana, e enfim, a preta ou etiópica. Do encontro, da mescla, das relações mútuas e mudanças d’essas três raças, formou-se a atual população, cuja história por isso mesmo tem um cunho muito particular.” *Idem*, p. 382

<sup>21</sup> WEHLING, Arno. *A concepção histórica de Von Martius*. IN: *Revista do IHGB*. (155(385): 721-731, out/dez. 1994

<sup>22</sup> VARNHAGEN, F. A. *op cit.*, p. 223

<sup>23</sup> VARNHAGEN, F. A. *Op. Cit.* p. 19

<sup>24</sup> *Idem*, *ibidem*

<sup>25</sup> *Idem*, *ibidem*

<sup>26</sup> SALGADO, M. L. “Nação e civilização nos trópicos. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, 1988, p. 7